

ARCHIVO LITTERARIO

JORNAL FAMILIAR, VARIADO, CRITICO E RECREATIVO.



ASSIGNATURAS: CONTRA.

ANNO	8\$000
SEMESTRE	4\$000
TRIMESTRE	2\$500

PROPRIETARIOS

ANTONIO ARNALDO NOGUEIRA MOLARINHO
ANTONIO JOSE CARNEIRO GUIMARÃES

ASSIGNATURAS: PROVINCIAS.

ANNO	9\$000
SEMESTRE	5\$000
TRIMESTRE	3\$000

Publica-se todos os domingos. Recebem assignaturas nesta typographia—RUA dos LAMBEIROS N. 21—e no escriptorio da Redacção, rua da Lampadoca n. 52. Recebe todo e qualquer artigo litterario para ser publicado, uma vez approvado pela redacção.

ARCHIVO LITTERARIO

RIO 27 DE SETEMBRO DE 1863.

Henrique Dias.

Começou o exercicio das armas nas guerras de Pernambuco contra os holandezes, no tempo de Mathias de Albuquerque: então governador dessa provincia.

Henrique Dias era negro por nascimento, porém um negro digno de occupar-nos delle, assim como foi digno de ser registrado em uma pagina da nossa historia. Intrepido e doctado de corajoso animo, era capitão de uma companhia de valentes homens de sua cor, aos quaes, exercitava com seu valor, e ensinava com seu exemplo. Esse punhado de homens, commandados por esse distincto e audaz guerreiro, obrou prodigios de valor. Henrique Dias assaltou muitas praças, rendeu muitas fortalezas, entre ellas de grande consideração: se o combate se tornava inevitavel elle atirava com seu bastão dentro da praça ou fortaleza, e depois dizia aos seus —*ou havemos de morrer juntos, ou resgatar aquella reliquia que me confiãrão*; no combate era o primeiro a arriscar a vida, encarando a morte com firmeza.

Em uma das acções que militou, uma bala lhe varou a mão esquerda: disserão-lhe que a cura não podia ser rapida como elle desejava, ao que o corajoso soldado revestido da animosidade de que era doctado, accrescentou: *cortaia, e ainda agradeço a Deos por me deixar a direita,*

que é sufficiente para matar holandezes em serviço do meu rei, destruindo assim os tyrannos da minha patria. Para os fins da guerra esse homem, era tão temido pelos holandezes, que o reputavam invencivel. A liberdade daquelle provincia incontestavelmente foi em grande parte devido ao corajoso Henrique Dias, a quem D. João IV, admirando os seus valerosos feitos, fez mereç do habito de Christo. Este o agradece e prometendo não o pôr no peito senão depois de expulsos os holandezes, o que fielmente cumpriu. Morreu a 31 de agosto de 1661.

A pedido de um nosso assignante publicamos o seguinte discurso:

Doas palavras

proferidas por occasião da missa do sétimo dia, que por alma do eximio artista brasileiro, o commendador João Caetano dos Santos, teve lugar na freguezia do Santissimo Sacramento, no dia 31 de Agosto de 1863.

Vida o que és tu, que tão depressa
Desappareces, qual fumo ao leve sopro?...
(Do Autor.)

Não é sómente a perda dos grandes da terra, dos potentados, dos milionarios e dos heróes que deve ser pranteada; não, senhores, a do homem pobre, porém honrado, a do excellente pai de familia, a do exemplar artista, cujo rapido viver assignalára uma nova época nos annaes da scena brasileira, deve, não só ser pranteada, como ainda carpida eternamente;

assim pois, diremos apenas duas palavras, despidas de atavios, puras e simples, que só sirvão para comprovar a veracidade de nossas asserções.

A terra, essa tragadôra de tantas virtudes e riquezas, acaba de receber em seu seio um thesouro do mais subido valor... talvez superior a todos esses que ella silenciosa abrange em suas entranhas!!!... Uma irreparavel perda teve ha pouco lugar: a patria perdeu um presante cidadão, a familia um desvallado e carinhoso chefe, e a arte dramatica uma de suas maiores glorias; já vedes, senhores, que é do eximio artista brasileiro, o commendador João Caetano dos Santos, de quem vamos fallar?...

E' pois, por elle que o levita do Senhor acaba de celebrar o santo sacrificio da missa; é finalmente por elle (fatal realidade) que tantos e tão consternados amigos, que um sem numero de seus admiradores acompanhão a sua angustiada familia neste solemne momento.

Esposo fiel e dedicado, pai estremo, amigo sincero, João Caetano dos Santos era inda o incansavel protector dos desvalidos; e se não que o digão a desamparada viuva, a desprotegida orphã e tantos outros desfavorecidos da fortuna, com os quaes repartia o humanitario artista o obulo da caridade; essas instituições pias, essas immensas associações beneficentes, quanto, quanto lhes não devem?... A todas soccorria, para todas era elle um protector!... Mas, para que recordar agora, o que é por demais sabido?... Immu-deça, por tanto, o simples e obscuro artista, quando outras mais eloquentes vozes, outras intelligencias capazes de

suplantar a rudez do ser amesquinhado pensamento o tem precedido.

Como artista que somos, senhores; como brasileiro, nossa alma se estasiava, nosso entusiasmo tomava largos vãos, quando, sob o palco scenico, contemplavamos esse segundo Talma, esse artista (cremos poder afirmar) que imperou sem rival!... Oh! como a natureza o dotara com mão prodiga!... Era uma maravilha do seculo em que vivemos.... um colosso.... finalmente cahio, e em sua queda deixa como que abalado e prestes a desmoronar o grande edificio, onde por tantas vezes recebera elle bem justos e merecidos applausos.

Só a Portugal foi dada a gloria; só esta nação pôde admirar o artista brasileiro; e, só ella, somente ella, reconhecendo o seu merito artistico, e não olvidando os immensos serviços prestados por elle ás diversas associações dessa nobre nação irmã e amiga, tão bom o galardão, dando-lhe uma tão honrosa distincção!... Honra, pois a Portugal.

João Caetano dos Santos deixou de existir, é certo, permanecerá, porém, a memoria de seu nome, como um padrão de eterna gloria, que será apontado pelas gerações vindouras como uma celebridade do seculo desnoxe!!!...

E vós, oh! incomparavel artista, no seeste mansão, onde repousas, implorai ao Ente Supremo por vossa inconsolavel familia, e aceitai essas toscas expressões, repassadas de dor, como um pequeno tributo de homenagem rendido aos manes de um grande genio, que o Brasil, quando tiver de entrar no mappa das grandes nações, mencionará em seus faustos, deplorando a sua perda!...

Temos concluido

F. J. ANTENES.

LITTERATURA

Os Velhos Retratos.

(Continuação do n. 4.)

Vi uma dazia de personagens agrupados na proximidade do leito. Todos traziam trajes antigos e diferentes, nos quaes reconheci, com surpresa, os dos velhos retratos que guardavam o quarto de dor-

mir. Procurei-os logo na parede para fazer a comparação. Os respectivos quadros alli se conservavam suspensos! O que via pois junto de mim erão os antigos retratos da familia, aos quaes um milagre acabava de dar a vida!

A' sua frente apparecia porém um velho, que não tinha notado na colleção. As minhas vistas se fixaram no desconhecido, com uma curiosidade particular, que elle parecia comprehender.

—Debatte procurarias a minha imagem entre esses retratos, me disse elle: no meu tempo nenhum pingel se daria ao trabalho de reproduzir as feições de um escravo como eu! mas comprehendí as misérias da minha condição, e, á força de trabalho, consegui comprar a minha alforria. Foi então, graças a ella, que um dos meus descendentes que aqui vês, pôde instruir-se e fazer-se ecclesiastico.

Aquelle que tinha sido designado, avançou então.

—Os pobres e os opprimidos tinham necessidade de apoio, disse elle mansamente; sustentado pelo nome de Christo, tratei de l'ho prestar; ajudei a instruir o povo, a fazer-lhe amar o bem, a fortifica-lo pela probidade, a esperança, a paciência, em quanto a nossa familia se elevava lentamente á minha sombra, e a tomava posto entre os homaúlos commerciantes da provincia.

Um terceiro interlocutor ergueu então a voz.

—Este posto transmitido por nossos paes, tratei de o engrandecer di-se elle com certo ar de importancia; nomeado synthico da minha corporação, obtive para ella novas immuniidades; reunimo-nos para defender o fructo do trabalho contra a violencia, e fui um dos fundadores dessa corporação de cidadãos, que associou os interesses geraes debaixo do nome de *communa*.

—E ea, disse o que se achava mais proximo ao antecedente interlocutor, e que pela toga e semblante austero podia reconhecer-se por magistrado, contribui para que a lei prevalecesse sobre o capricho, e a igualdade sobre o favor. Os mais poderosos tiveram que submeter-se á decisão de juizes desarmados: a força curvou-se perante o direito.

—Não fallando em que ella se declarou sua auxiliar! accrescentou um official, cuja tez se achava crestada pelo sol; os descendentes do escravo de outr'ora acabaram por cingir a espada, e tornaram-se os defensores da patria e da lei! Desde que uma e outra pertenceram á nação inteira, esta derramou o seu sangue para as defender; tornando-nos soldados, todos nós passámos á classe dos nobres!

(Continua.)

VARIEDADE

As tres irmãs do poeta.

Em noite tempestuosa calhe a chuva em torrentes de envolta com a neve, o vento sibilla no arvoredor visinho, e o mar encapellado rebenta com fragór na dura penedia. E' n'uma destas noites em que o céu é tenebro e em que as estrellas brillão como a medo, que atrevez da tempestade descem da nevada serra, sem ser presenteadas tres pallidas virgens, e sorrindo vão dar um osculo na fronte pensativa do poeta.

Salve! Irmão sou o esquecimento! Sou eu que tenho conservado na obscuridade o teu nome. Ten nome que as turbas hão repellido, e que eu tenho envolvido nas minhas alvas vestes... Que farás pobre e sosinho na terra? — Arrastarei diz o poeta.

Salve! Irmão, sou a fome, que devozo sem cessar o teu pão amassado com o suor do teu rosto, hoje, amanhã, cada noite, na soleira da tua porta virei sentar-me — resignar-me-hei, diz o poeta.

Salve! Irmão, sou a morte! do teu alacide quebra a harmonia. Tens soffrido muito... Póchio teemo a teus males! pensa no sepulchro, não sentes tocar-tr o meu gélido dedo e esfriar-te o estro.

Gloria in excelsis diz o poeta, vou entoar um hymno na presença de Deus!...

JOSE ANTONIO FERNANDES DA FONSECA.

POESIAS

NO ALBUM DE MEU AMIGO ARLINDO DE FREITAS.

I.

Poderei caro Arlindo,
Merecer-te por compaixão?
Este meu peito t'abrindo,
De teu nobre coração:
Arrancar terno gemido?
Um suspiro compungido,
Não m'o negues por favor:
Que nesta mente abrazada,
Ao soffrimento vergada,
Já não ha cantos d'amor.

II.

Desculpa terno Arlindo
Desta fraqueza arrostar:
Mas não quizera mentindo,
Alegre rosto mostrar;
Dizer fingindo sorriso,
Que a terra é paraizo,
Mostrando contentamento;
Essa supposta alegria,
Meu peito a desmentia,
Ocultando o soffrimento.

III.

Mas tu amigo Arlindo,
Não rias do meu penar:
Alegre sempre sorrindo,
Tens quem te saiba adorar:
Deus me fez talvez poeta,
Porém a sorte discreta,
Aponhou-me tantos males,
Mostrou-me tanta amargura
Que só vi por desventura
Pesada cruz e o calix.

IV.

Já tu vês ó meu Arlindo,
Qual é agora o meu penar!...
Amargo pranto carpindo,
Sem alegria alcançar:
No peito luctas immensas,
Derão fim a minhas crenças,
Ao estro e inspiração;
E por palmas que almejei
Só vi louros que sonhei.
Disperços muchos, no chão!...

V.

Não tens que temer Arlindo,
Como este, o mesmo mal:
Na senda que vais abrindo,
Deixas teu nome immortal!...
Trovador, Dens te fadou,
A tua mente inspirou,
Fêz-te poeta e cantor:
Minha alma s'estasia,
Ao sacro dom d'harmonia,
Que cantas com tanto ardor.

VI.

Tens cantos s'erguem Arlindo,
Mais dia e dia afamados!...
Quando os meus se vão sumindo,
Até ficarem consummados:
Já cantei!... já tive amor...
Estes mesmos por favor,
Compaixão ou amizade;
A ninguém debes mostrar,
Qu'ei'd'em troca te ofertar,
Uma roxa—Saude.

ARNALDO MOLARINHO.

Ao teu tormento.

Perdestes a infancia e com ella a crença,
Só a descrença tu sentes n'alma?
Junto a meu peito acharás as flores,
A's tuas dores eu darei-te calma.

As tristes magoas que teu peito encerra
Não tens na terra quem te emitta oh! flôr
Perdestes a gloria sem achar a palma,
Ao peito calma no viver do horror.

Ao soffrimento que teu peito sente,
Sempre virentes acharás as flores,
Mas busca um peito que te adore anjo,
Terás Archânjo, linitivo às dores.

Sentes perdida a união querida,
Sem ter na vida quem te dê perdão?
Busca a meu lado, acharás conforto
Ameno porto sem te dar traição.

O proprio Deos não perdôa, fada?
Quem pôde amada o perdão negar,
Negro futuro amarguradas fezes,
Não pôde às vezes o infeliz salvar?

Quando estenderes a mirrada mão
Pedindo um pão na pobreza esteja,
Ah! é preciso que o soffrer fatal
Nos tenha igual ou eu morto seja.

Roxa grinalda te offertarei na lousa
Onde repousa de meu sono a flôr,
As minhas preces no lamentar sentido
E' o gemido de meu triste amor.

J. B. G. PITA.

Motte.

Não torno a querer mais grêlos
Do nabal do Ser'abade.

GLOSA.

Pôde em todo o passal têlos,
E só estes p'ra tragar,
Que livre eu deste penar,
Não torno a querer mais grêlos.
A querer nem mais só vê-os,
Pretexto à fé da verdade,
Que a peor malignidade
Venha enfim de mim dar cabo,
Se eu provar o melhor nabo
Do nabal do Ser'abade.

JOSÉ RIBEIRO DE SA'.

Soneto

A' redacção do ARCHIVO LITTERARIO, e em res-
posta ao JORNAL DO COMMERCIO do dia 30 de
Agosto de 1863.

A roseira secca está é bem verdade:
Mas ainda os espinhos conservava...
Na *palestra* té ferirão? bem lembrada!...
Pois souberão escrever com igualdade.

Não poupando de vós falsa amizade.
Lhe chamasteis de cara mascarada? !...
Mais valia a penna ter quebrada
Que a vós elogiar com falsidade.

Como eu, muitos gostão da *palestra*,
E vós que nella fosteis enfardados;
Dizeis que o *Archivo* já não presta?

E redactores do inferno são mandados
Eu digo que vós tendes T na testa,
Ou sois burros em homens disfarçados.

G. MARTINS.

PALESTRA

Como estaes, primo Jorge? ha dous dias que não tenho o prazer de te encontrar.

E' por que não queres, pois sabes aonde é a minha casa.

Dar-se-ha o caso que não tenhas sahido?

E' como dizes, ha dous dias que não sahio á rua

E por que?

Por que tenho estado encommoado, porém hoje tenciono acompanhar-te ao passeio.

E eu que não vim aqui para outra cousa; mas dize-me, tu assignaste o *Semanario*?

Assignei. E' hum jornal de que tenho gostado muito, e ao qual desejo huma prospera carreira.

Ha tantos jornaes a que muitos dão o nome de papeluchos, que são muitas vezes causa da desappareição destes, tirando-lhe as assignaturas que os poderião engrandecer,

Sim, porém a queda de alguns, será certa.

Em quanto ao *Jornal, Mercantil*, do *Diário do Rio*, na *Actualidade, Nacional*, que andão sempre de mãos dadas, *diariamente*, não ha que dizer. Porém aos outros... não digo isto por desejar o mal do proximo. Deos me livre; antes pelo contrario desejaria vêr flôrescer, as bellas letras para recreio meu, e do publico

São como a raça do genero humano; nascem uns, morrem outros, como já tem acontecido, dos quaes ainda me recordo com *Saudade* que murcharão como um *ramallete de jardim*; repára em *Portugal e Brasil*, e encontrarás a mesma sorte do bravo *Luzitano*; que morreu á força de *Machado* por ser *Mentiroso*; Porém um patriota quiz dar-lhe a *Regeneração*,

que em pouco deu em degeneração. Decididamente foi porque a *Estrella d'Alva* deixou de surgir radiante, ao vêr um *Folgasão* arvorado em Mestre Escola de palmatoria na mão, querendo corrigir a *Corrupção da Epocha*. Porém esta que já era o *Diabo no Rio de Janeiro*, e ferida por este *Espinho*, virou-lhe o bico ao prégo e ahi está agora o feitiço, virado contra o feiteiro; os que havião de ensinar, vão ser *ensignados*, tudo isto é *Familiar*. Ninguem pôde dizer que sabe muito!!!

E o *Barco dos Traficantes*?

Esse não morreu. Se *deu á costa* o proprietario deitou ao mar um excellente vapor, que denominou *Paquete das Tranquibernas*. Tomando para o commando um *Nauta Destemido*, que tem florescido até hoje, luctando com a tormenta e muitas difficuldades, porém tem prosperado muito, por que é digno da coadjuvação e auxilio do publico, visto o fim a que elle aspira.

Ainda hontem estive em uma reunião, onde vi um elegante moço fazer justiça a uma dama, dizendo-lhe: *assignei hoje o... para ter o prazer de lêr uma sua poesia*.

Lembraste daquillo que lemos de um caixeiro da rua dos Ourives? Já sei quem é, e como se chama: porque o Pinto mostrou-me elle. Chama-se *Pereira da Cunha* (que pelo nome não perca.) Foi comprar uma folha na redacção do *Archivo Literario*, á rua da Lampadosa n. 52, e já dava 500 rs. por ella, e como a não quizessem vender, assignou o jornal, levando os numeros já publicados: mais tarde declarou que não queria, pois que só teve em *mira* levar os jornaes pelo modico preço de 000\$.

Por esse preço ninguem os compra. E eu por tal preço os não queria, porque isso equivale a uma *ligeireza*.

Tens lido o *Portuguez*?

Não, porém porque perguntas?

Queria que lessees um artigo da Sociedade *Luzitania* feito por um sujeito que arvorado em *Tamberlik*, e dando de s uma triste idéa; empregou tão mal o seu tempo, tendo o *descoco* de render preto, e queimar incenso pôdre a quem o não merece. Seja mais imparcial, Sr. *Tamberlik*: veja que o publico não é tolo e reconhecerá nisso a força do *azeite* que Vmc. aconselha para dar na machina, para que não rebente.

Advinhação.

Nós somos muitos irmãos,
Espalhados pelo mundo,
Nem todos temos corôa,
Nem todos mostramos fundo:
Procuráo-nos alguns homens
E as mulheres nos procuráo;
Qu'em paga d'as ajudarmos,
Nos deixáo quando nos furáo:
E sem sermos carapuça
Chapéos, cousa de enfeitar,
Todos nos põe na cabeça
Porque é lá nosso lugar.

Charada.

Estou em toda qualquer calça {
Tenho da assucena a côr {
Mandáo-me sem ser por favor {
Em mim vem gente lavar {
E correndo vou ter ao mar. {

CONCEITO

Tres homens em mim morreráo,
Era um bom, antes da morte
Mais outro se arrependeu:
E o ultimo, igual seffreu
Com, os bons a mesma sorte.

A. M.

Rectificação.

A poesia—O Passado e o Presente—é o original da Sra. D. Josephina R. Leite Pitanga.

Typ. Economica, rua dos Latoeiros n. 34.

Enigma.

